

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

ESTUDOS HISTÓRICOS E ECONÓMICOS

Terçanabal  
e a “Escola de Sagres”

Comunicação apresentada, em 4 de Outubro de 1944  
ao *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso  
das Ciências* em Córdova.

POR

FRANCISCO FERNANDES LOPES

LISBOA  
«SEARA NOVA»  
1945

TERÇANABAL  
E A «ESCOLA DE SAGRES»

ALGUMAS OUTRAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR:

- DROGAS E FARMACOPÉA (tese inaugural de Medicina), Lisboa, 1916.
- SÔBRE O POETA JOÃO LÚCIO (conferência), Faro, 1921.
- LES CONCERTS HISTORIQUES DU «RENASCIMENTO MUSICAL» (in *La Revue Musicale*, Novembre 1924), Paris.
- LA VIE MUSICALE À LISBONNE (in *La Revue Musicale*, Mai 1925 e Février 1926), Paris.
- LES DEUX DERNIÈRES SAISONS MUSICALES (in *La Revue Musicale*, Novembre 1927), Paris.
- MÚSICA LATINA E MÚSICA PORTUGUESA (in *De Música*, n.º 3), Lisboa, 1930.
- ESCALAS DIATÓNICAS (in *De Música*, n.º 4), Lisboa, 1931.
- CONCÉRTO AUSTRIACO (in *Divulgação Musical*, de Ema Fonseca, vol. II), Lisboa, 1934.
- REVISÃO COLOMBINA (série de 14 artigos, in *O Diabo*), Lisboa, 1935 a 1937.
- MÚSICA DE CÂMARA DE FLORENT SCHMITT (in *Divulgação Musical*, vol. III), Lisboa, 1936.
- CRISTÓFORO COLOMBO E CRISTÓBAL COLÓN (in *Seara Nova*, n.º 468), Lisboa, 1936.
- CRISTÓBAL COLÓN (in *Seara Nova*, n.º 473), Lisboa, 1936.
- DO «MARAVILHOSO PAGÃO» EM GIL VICENTE (in *Seara Nova*, n.º 494), Lisboa, 1937.
- NOVA CHAVE PARA O «VERSO ENIGMA» DE GIL VICENTE (in *Seara Nova*, n.º 517), Lisboa, 1937.

- QUATRO ILHAS DOS AÇÓRES: S. LUÍS, S. DINIS, S. TOMÁS, SANTA IRIA (in *Petrus Nonius*, vol. I, fasc. 3), Lisboa, 1937.
- DUARTE PACHECO E O OCEANO PACÍFICO (in *Petrus Nonius*, vol. II, fasc. 1), Lisboa, 1938.
- EM FAVOR DO PLANO HENRIQUINO DAS ÍNDIAS (breve nota preliminar, ao 1.º Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo), Lisboa, 1938.
- NOVA HISTÓRIA DO PRIMEIRO DESCOBRIMENTO COLOMBINO (série de 7 artigos, in *Seara Nova*, n.ºs 542 a 576), Lisboa, 1938.
- A MELODIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA: MIGOT, DUREY, RAVEL (in *Divulgação Musical*, vol. IV), Lisboa, 1938.
- COLABORAÇÃO PORTUGUESA NO DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA NÃO-BRASILEIRA (in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. II), Lisboa, 1939.
- A MÚSICA NOS AUTOS DE GIL VICENTE (in *Divulgação Musical*, vol. V), Lisboa, 1940.
- COLOMBO [Bartolomeu, Cristóvão, Diogo, Fernando, Giacomo] (in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. VII), Lisboa, 1941.
- O ALGARVE E O INFANTE D. HENRIQUE (in *Boletim da Junta de Província do Algarve*, número comemorativo dos Centenários), Lisboa, 1943.
- DO GERMANISMO EM ANTERO (in *Atlântico*, n.º 4), Lisboa, 1943.
- FADO [história musical] (in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. X), Lisboa, 1944.
- NOVO SISTEMA DE TRANSLITERAÇÃO ARÁBICO-LATINA (comunicação ao Congresso Luso-Espanhol do Porto, 1942), Porto, 1945.
- A MÚSICA DAS CANTIGAS DE SANTA MARIA E O PROBLEMA DA SUA DECIFRAÇÃO [comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de Córdoba, 1944] (in *Brotéria*, Janeiro, 1945), Lisboa.

CADERNOS DA «SEARA NOVA»  
ESTUDOS HISTÓRICOS E ECONÓMICOS

Terçanabal  
e a “Escola de Sagres”

Comunicação apresentada, em 4 de Outubro de 1944  
ao *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso  
das Ciências* em Córdova.

POR

FRANCISCO FERNANDES LOPES

LISBOA  
«SEARA NOVA»  
1945

Falecido o inclito Infante D. Henrique, em 13 de Novembro de 1460 como é sabido, «aquela honrada vila» que mandara fazer «ao cabo de S. Vicente», à qual pusera o nome de *Vila do Infante* e aonde nos derradeiros meses da sua vida se recolhera—verdadeiro solitário de Sagres—, não só estacionara na sua construção, começada haveria uns quinze anos, mas, pelo abandono a que foi sendo votada, se foram arruinando os poucos edifícios que já lá se erguiam... Ficaram, por certo, as muralhas «que eram de boa fortaleza», como diz Zurara; embora no que hoje lá se vê, reconstruído ou ampliado, apenas a base da tôrre que actualmente serve de cavaleiro tenha sobrevivido às várias causas de destruição.

Entre os restos ou vestígios de alicerces ou paredes dispersas, sôbre o Promontório de Sagres, pelo interior da fortaleza, nada, a não ser uma construção pequena, ermida ou igreja, de tipo romano-gótico simples, denunciaria ligação com a actividade do Infante; mas não é impossível, ma-

nifestamente, que, reconstruída em parte, lhe tivesse servido de habitação ali a modesta casa a que a tradição se ligou.

De *Observatório astronómico*, de *Palácio* propriamente, de edificio de *Escola Náutica*, de *Tercena Naval*, — nada subsistia já, há um século, em 1840, quando o Comandante Possollo fôra encarregado de dirigir a colocação da lápide — (que lá está por cima da porta interior do túnel de entrada) — destinada a «consagrar à eternidade» aquêles lugares em que, como se acreditava então e na mesma lápide se encontra inscrito, o Infante fundara, à sua custa: o palácio da sua residência, a famosa escola de cosmografia, o observatório astronómico e as oficinas de construção naval, — enfim o quarteto fantasmagórico relacionado com a sua actividade de «primeiro inventor» das navegações «para o meio-dia das terras dos Negros da Baixa Etiópia», no conhecido dizer de Cadamosto.

Em Sagres, subsiste, é verdade, uma enigmática, quasi imperceptível grande roda, com os raios formados por pedras dispostas em linha interrompida a partir de uma pedra central, pedras quasi rentes ao chão, no terreiro, à esquerda de quem entra na fortaleza; e nisso se tem querido ver uma enorme *rosa dos ventos*, com os seus 32 raios... Porém não só os ângulos ao centro são desiguais, como absurdo seria, para o ensino pratico ter usado de uma tão monstruosa e defeituosa figuração, quando a rosa dos ventos se poderia desenhar nitidamente em qualquer parte onde

fôsse visível, para a aprendizagem colectiva ou individual dos marinheiros. Esta descoberta da pretensa «rosa dos ventos» terá menos de um século; o Comandante Possollo não a assinalou, em todo o caso, entre os restos de edificios ou outros vestígios que fôra encarregado de pesquisar e que mencionou no seu notável relatório.

Não foi, de resto, sobre a base desta ignorada «rosa dos ventos» que se architectou a existência da famosa *Academia* ou *Escola* de Sagres.

Como se formou pois a lenda?

Morrera o Infante, e seguiram-se os relatos dos servidores — como Diogo Gomes — e dos cronistas, com João de Barros à testa. Zurara escrevera ainda em vida do Infante; e, se retocou a sua *Crónica de Guiné* depois de êle morto, não fala, todavia, mais que da vila em construção e da coíça que despertava nos estrangeiros, e do que se dizia «segundo o comum entender», nada referindo quanto a escola náutica, observatório, palácio ou terciena... Diogo Gomes igualmente é mudo. Duarte Pacheco no seu *ESMERALDO*, meio-século depois de falecido o Infante, é equívoco, manifestamente, com a simples menção da «sua vila de Terça Naval situada sobre angra de Sagres, que hoje em dia ali está fundada».

Com João de Barros, em 1552, na *Primeira Década da Ásia* é que se insinua a base da fantasmagoria, ao falar da «vila que novamente fundara no reino do Algarve, na Angra de Sagres, a

